

O delegado, a modelo e o show de horrores - parte 1

Especulações em torno de ocorrências policiais antes da perícia não contribuem em nada para a solução dos casos



Cássio Thyone Almeida de Rosa

16 de junho de 2020

No último dia 20 de maio, em São Bernardo do Campo, dois personagens passariam a integrar uma seleta galeria do universo forense (e pericial): a galeria dos protagonistas em casos de repercussão.

O dia da semana: uma quarta-feira; a hora: por volta das 7h da manhã, conforme consta no Boletim de Ocorrência (BO) que circula nas redes. Mas quem seriam os personagens? Não citaremos seus nomes, são conhecidos demais. A mídia já se encarregou de torná-los mais que conhecidos. Todas as informações aqui abordadas foram obtidas na mídia. As idades são relevantes, ele 33 anos e ela 27 anos.

Querem mais lenha para a fogueira, utilizando as informações veiculadas? Vamos lá, então. O fato ocorreu no mesmo prédio onde mora o ex-presidente Lula. O protagonista é considerado uma celebridade nas redes sociais, delegado da polícia civil do Estado de São Paulo, professor de direito penal e de processo penal, instrutor de tiro, armamentista que defende o uso de armas de fogo para defesa; polêmico e, segundo a própria mídia, machista em muitos momentos, além de crítico dos direitos humanos.

E nossa protagonista, quem é? Uma linda modelo gaúcha, de olhos claros, até então sua namorada. Dela sabemos menos. Pelas redes e matérias disponíveis, descobre-se que em 2010 ela foi eleita soberana do *Festejando Parobé*, uma espécie de miss na festa anual da cidade de Parobé-RS, que faz parte da região metropolitana de Porto Alegre.

Mas o que realmente importa nesse drama é o seu enredo, sobretudo os aspectos periciais e as lições que tiradas de todo o evento. Os horrores a que me refiro no título dessa matéria estão relacionados, dentre outros, aos bastidores do que cercam um caso como esse. Estaríamos diante de uma tentativa de homicídio com uma reação de legítima defesa seguida de um suicídio? ou seria talvez um feminicídio?

Particularmente, não gosto de falar de casos em andamento. Não me sinto confortável, o que parece ir na contramão de tantas pessoas que surgem falando, repassando, analisando os ditos casos midiáticos. Me lembro do caso envolvendo o garoto Marcelo Pesseghini (13 anos), ocorrido também em São Paulo, em agosto de 2013. As conclusões foram de que ele matou seus pais, ambos policiais militares, uma avó e uma tia-avó, para em seguida cometer suicídio. Na época, sempre me perguntavam durante minhas palestras e cursos se eu “acreditava” nessa versão. Minha resposta era sempre a mesma: até que eu possa conhecer os laudos, não tenho como refutar ou reafirmar qualquer hipótese. Algum tempo depois, em Santos, tive a grata oportunidade de assistir o perito criminal que realizou a perícia de local trazer, em um seminário, o seu laudo, bem como diversas outras informações referentes ao caso. Saí convencido de que esta era realmente a linha que se podia demonstrar técnica e materialmente.

Mas o que dizer sobre informações que surgem na mídia, prestadas por aqueles que são diretamente responsáveis pelas investigações em curso, como aquelas que reproduzo aqui: “*Tudo leva a crer que o delegado estava mais preocupado em se salvar, sair dali rapidamente*”. Tal frase é atribuída ao delegado responsável pelo inquérito, e aparece na logo após a matéria comentar que “*com as investigações ainda em andamento e sem laudos periciais importantes em mãos, a Polícia Civil de São Paulo sinalizou em entrevista coletiva, que é verdadeira a versão de que a modelo Priscila de Bairros tenha atirado seis vezes em delegado e em seguida cometido suicídio*”.

Não consigo entender qual a contribuição que esse tipo de declaração acaba por acrescentar. Em minha opinião, apenas expõe desnecessariamente aqueles que estão envolvidos nas apurações. Não vejo problema algum que, após todas as conclusões, a Polícia Civil se pronuncie e esclareça os detalhes por meio de uma coletiva de imprensa, mas a emissão de opiniões prévias, antes de se concluir os exames e os laudos, pode obrigar aqueles que se antecipam a ter que rever suas posições, enfraquecendo a confiança no trabalho como um todo. Reparem que, de uma forma geral, não se veem peritos envolvidos em casos de repercussão

ou de qualquer outro falarem durante a fase de aquisição de dados (perícia de local, por exemplo), exames de laboratório, balísticos e complementares.

Concomitante às declarações dos condutores de investigações, costuma seguir uma enxurrada de opiniões de “*experts*”, muitas vezes demandados pela própria mídia, sedenta de encontrar nada mais que “*opiniões*”, que quase sempre privilegiam a polêmica, que claramente escondem o intuito de manter o assunto em foco, mas que acabam dando voz a profissionais de duvidoso comprometimento ético. Já vimos esse enredo no passado e me pergunto se aprendemos com nossos erros? Vide caso Paulo César Farias, tesoureiro da campanha de Fernando Collor de Mello, cuja morte representou um marco na história da perícia brasileira, com acertos, mas também inúmeros erros. Mais recentemente, o caso Isabella Nardoni é outro exemplo do embate pericial que se seguiu entre partes envolvidas na defesa e acusação.

Em nossa próxima coluna, abordaremos o que existe de concreto até aqui, sobre o caso que nos motivou a escrever essa primeira parte desta análise.

Cássio Thyone Almeida de Rosa

Graduado em Geologia pela UNB, com especialização em Geologia Econômica. Perito Criminal Aposentado (PCDF). Professor da Academia de Polícia Civil do Distrito Federal, da Academia Nacional de Polícia da Polícia Federal e do Centro de Formação de Praças da Polícia Militar do Distrito Federal. Ex-Presidente e atual membro do Conselho de Administração do Fórum Brasileiro de Segurança Pública

<https://backup.forumseguranca.org.br/pericia-em-evidencia/template-multiplas-vozes-t2mgr-o6zzn-zjjuh-hi3nj-iyxsx-vc35o-jes2f-p45gr-boopr-2ez42-eazzd-foepd-787sv-xqycn-hvmeu-qo7os-kan5a-kebep>

